

O Cartógrafo sem Bússola

Vilém Flusser, Prolegômenos a uma
Teoria do Pensamento Líquido

Conselho Editorial

Alessanda Teixeira Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – UFRJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Cristiane Finger – PUCRS
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – UFRGS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Luiz Mauricio Azevedo – USP
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio:



O Cartógrafo sem Bússola

Vilém Flusser, Prolegômenos a uma
Teoria do Pensamento Líquido

Erick Felinto



Editora Sulina

Copyright © Erick Felinto, 2022

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Adriana Lampert

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

F315c Felinto, Erick
O cartógrafo sem bússula: Vilém Flusser, prolegô-
menos a uma teoria do pensamento líquido / Erick Fe-
linto. – Porto Alegre: Sulina 2022.
216 p. ; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-077-5

1. Filosofia. 2. Teoria do Conhecimento. 3. Comuni-
cação – Pensamento Contemporâneo. 4. Comunicação –
Aspectos Filosóficos. I. Título.

CDU: 101

CDD: 100

120

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (051) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2022

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Introdução.....	7
I. A Zona Cinzenta: elogio da especulação	17
II. Vampyroteuthis: Flusser ao Encontro do Realismo Especulativo.....	41
III. Rede, ruído, arte: a poética flusseriana do glitch.....	63
IV. Cinema, tempo, imaginação: o olhar “selvagem” de Flusser	79
V. Um cinema “vampirotêutico”: os filmes tentaculares	97
VI. Gestos, imagens, ambiências.....	121
VII. Os mares flusserianos e dissolução da identidade	137
VIII. Um pensamento líquido: Flusser e a multiplicidade fluida dos pontos de vista	159
IX. Entre natureza e cultura: o “pós-humanismo” de Flusser e Benjamin.....	183
Pós-Escrito	199
Referências Bibliográficas.....	201

Introdução

Vilém Flusser foi, acima de tudo, um pensador da mobilidade, da ausência de fundamento, da instabilidade. Nesse sentido, sua vida foi materialização existencial de certa visão de mundo e de uma proposta filosófica. Transitando entre diferentes países e línguas, traduzindo constantemente de um código para outro, Flusser nunca se fixou realmente. Como peregrino que jamais encontra pousada, o pensador deixou em sua autobiografia filosófica, *Bodenlos* (sem solo), o testemunho mais evidente dessa condição, na qual a própria vida torna-se “laboratório para outros” (2007, p. 20). Não existe território fixo para o humano. Somos seres moventes, e a instabilidade, com todas as angústias que possa trazer, é nosso maior apanágio. Nem a ciência, nem as pretensões de qualquer espécie de saber podem nos ajudar a encontrar o porto final. Estamos todos a navegar nos mares de uma aventura cósmica, em uma arte náutica que não poderia de modo algum ser precisa. O que podemos fazer, diante das incertezas que essa movência representa, é inventar histórias, criar ficções. E são essas ficções que estão mesmo no coração dos saberes que consideramos seguros. Não existe ciência sem imaginação, conhecimento sem fantasia. Certo, o pesquisador irá querer afirmar, arrogantemente, que sua investigação é baseada nos procedimentos só-

lidos das boas práticas científicas. Mas ele esquece que todo resultado, toda descoberta, é temporária. Esquece, ainda, que as fronteiras entre saber legitimado e teorias marginais é tênue, e a geografia do conhecimento se desloca continuamente entre o centro e a periferia. De fato, como adverte Jonathan Eburne, em *Outsider Theory*, “tais demarcações permanecem desorganizadas (untidy) e ainda mais difíceis de discernir dentro da esfera da leitura e da escrita, especialmente nos tipos de pensamento especulativo que encontramos na metafísica, na filosofia e nas artes” (2018, p. 22).

“Especulativo” é, portanto, uma palavra-chave aqui. As ciências humanas não deveriam envergonhar-se de abraçar a especulação. Sem diplomas universitários, sem métodos sólidos, sem argumentos de autoridade, até porque o autor também é uma ficção, Flusser entendia o pensar como um experimento. *Angenommen*, título alemão de uma de suas obras, significa “suponhamos”. Dada uma situação X, e a partir de determinadas condições específicas, que resultados poderíamos obter? No subtítulo, uma “sequência de cenas” (*Szenenfolge*), indica-se o caráter teatral desse procedimento imaginativo. Pequenas situações ficcionais, pequenas cenas, um teatro onde nós mesmos somos os atores. Um terrorista corre com uma metralhadora por um território, mas ao mesmo tempo pelo terminal de computador de um futurólogo. Ele se encaminha em direção ao porvir, e, no meio desse percurso, se encontra com o tal futurólogo. Não lhe resta escolha senão assassinar o cientista que lhe atravancava o caminho. “Tu te colocas como obstáculo a meu objetivo”, diria o terrorista. O futurólogo, por sua vez,

contava com tal possibilidade, ela era algo imaginável. A diferença entre eles é que o terrorista está apenas engajado (*engagiert*) no futuro, ao passo que o futurólogo o acolhe (*annimmt*) (Flusser, 2000, p. 7). Não lembra um pouco o desfecho de tal cena o célebre conto de Borges, no qual o personagem Stephen Albert intui seu destino trágico – o de ser assassinado pelo narrador da história, Yu Tsun? Afinal, a grande obsessão de vida de Albert, a obra de um antepassado de Tsun (o sábio Ts’ui Pên) conhecida como *O Jardim dos Caminhos que se bifurcam*, constituía um tratado filosófico defendendo a multiplicidade do tempo. Ali se pregava a existência de “infinitas séries de tempos, em uma rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos”. Em um desses tempos, diz Albert, “sou seu inimigo” (Borges, 2009, p. 873). Albert imaginou uma possibilidade entre muitas outras e sua suposição foi, tristemente, a correta. Tanto o futurólogo como o sinólogo do conto de Borges se encontravam no meio do percurso temporal conduzindo ao futuro. Este é um “campo de possibilidades” (*Möglichkeitsfeld*), no qual “as possibilidades singulares são atraídas pelo presente, de modo a se tornarem realidade” (Flusser, 2000, p. 7). Não existem certezas, o campo é errante, mas o lance de dados faz parte dessa natureza instável do real. Acolher (*annehmen*), aceitar, como fazem o futurólogo e Albert, é também supor em alemão. Eles acolhem os futuros possíveis, na expectativa de que sua especulação possa, quem sabe, ser a correta.

Admitir essa errância não é sinal de fraqueza, mas, antes, uma potência das ciências humanas (e provavel-

mente de todas as outras ciências). Conhecer é aprender a navegar no mundo, de modo que todo saber precisa fundar-se na medida humana das coisas. Essa dimensão pragmática do conhecimento se encontra na filosofia de Hans Vaihinger, que Flusser conhecia bem. Nessa filosofia do como se (*als ob*), na qual a ciência se funda no método dos “erros compensados”, ou seja, das ficções e suposições que, no confronto com a experiência, vão se refinando, a função última da investigação é potencializar a vida. Como explica Christophe Bouriau, “nossas ideias, julgamentos, conhecimentos, se justificam, em última instância, por sua capacidade de servir mais ou menos eficazmente aos fins da ação humana que são a conservação, a adaptação e a satisfação” (2013, p. 38). Desse modo, a incerteza é atributo natural do processo de exploração dos mistérios do mundo, que necessita de ficções e da imaginação para progredir. Este livro parte de dois pressupostos, cuja plena fundamentação terá de ficar para trabalho posterior¹. Em primeiro lugar, quero sugerir que o conjunto inteiro do pensamento flusseriano deveria ser lido no modo de uma ficção filosófica. Com isso, quero reforçar a afirmativa de Petra Gropp de que “a teoria do conhecimento, a filosofia e a estética” são entendidas por Flusser como “práticas do projetar mundos de vida (*Praktiken des Entwerfens*) e realidades” (2006, p. 232). Ou seja, não são apenas seus textos explicitamente apresentados como fábulas episte-

¹ Neste sentido, esta coleção de textos deve ser entendida como preâmbulo ao desenho futuro de uma teoria flusseriana das potências do ficcionais como instrumento de reflexão e produção de conhecimento.

mológicas que deveríamos ler com lentes de ficção, mas toda sua produção, que seria continuamente atravessada por gestos ficcionais. Em segundo lugar, proponho que a figura por excelência da ausência de fundamento deve ser encontrada na água, mais precisamente na imagem do mar, que desempenha, no imaginário flusseriano, um papel central. Poder-se-ia falar, assim, em uma espécie de “pensamento líquido”. Na verdade, como se verá, o oceano possui uma ligação imaginária curiosa tanto com a filosofia como com as tecnologias (em especial, as digitais), dois campos de pensamento que marcam uma zona de interrogação fundamental para os questionamentos de Flusser.

Imaginar é projetar. Mas, ao imaginar futuros possíveis, nós não apenas os antecipamos, como faz o futurólogo, senão que os ajudamos a se formarem. O que hoje é uma ficção poderá tomar carne e se fazer realidade material. Numa época em que tais distinções não cessam de ser problematizadas, um movimento para o qual contribuíram intensamente as tecnologias de realidade virtual, Flusser emerge no oceano do pensamento como um “profeta, de cujas barbas saíam palavras como relâmpagos” (Kittler apud Flusser, 2009, p. 10). Isso me faz recordar o ditado aprendido com um misterioso professor de Cabalá: *ein nevuá bli simchá*, “não há profecia sem alegria”. Flusser foi um pensador alegre, dos jogos e da brincadeira, do lúdico, daquela estirpe dos que ousam refletir com atrevimento e de forma contraintuitiva. Seu elemento natural, portanto, só poderia ser fluido e em fluxo, como um rio: um “Fluss/Flusser”. Seu pensamento era imagético (*Bildhaftes*), como sugere Ute Guzzoni, advertindo que o mar, na filosofia,

traz o emblema do eterno mutável e sem limites, “espaço do essencialmente outro e do que tem a forma da alteridade” (2015, p. 46). Distante e estrangeiro, esse mar é o lócus da descoberta, horizonte de uma exploração sem fim, na qual nos deparamos com criaturas estranhas das profundezas, como o *Vampyroteuthis Infernalis*, a temível “lula-vampiro” da conhecida ficção filosófica de Flusser.

Claro, águas podem também parar, se estagnar. O pensamento que não se move define e morre, torna-se estéril. Em certo sentido, o saber da modernidade se constituiu sobretudo como produção, canalização e direcionamento contínuos de fluxos de todos os tipos, permitindo-nos falar, assim, da dominância de uma metafórica do líquido (Butis, p. 12). Mas controlar os fluxos é um projeto condenado ao fracasso. Se “cada forma de análise científica pressupõe atos de limitação e represamento” (*Ibid*, p. 19), o pensar polinizado de imaginação não pode ser contido. É por isso que *Vampyroteuthis* não se deixa aprisionar nas redes de pesca ou do conhecimento (Flusser, 2011a, p. 23). Isso não significa que se deva abdicar da indagação, da investigação ou mesmo do rigor; basta que tomemos consciência da precariedade dos nossos saberes e da contínua e necessária abertura a sua reformulação. O rio não cessa de correr e, como adverte Heráclito, no momento seguinte já não seremos sequer os mesmos a atravessá-lo. Objeto e sujeito se encontram numa relação de instabilidade radical e raramente convergente. Mesmo nossa identidade jamais pode ser dada como certa. Ela se estabelece numa rede movente com outros “eus” e com as materialidades tecnológicas que

nos cercam. É possível, claro, operar com a ilusão de um eu estável, encerrado numa cápsula (uma figura utilizada por Flusser) e determinado de uma vez por todas, mas a instabilidade de nossos estados mentais e emocionais já aponta para o equívoco dessa operação.

Como judeu em condição de permanente exílio, Flusser experimentou essa percepção na pele. Nesse sentido, inclusive, ele poderia facilmente fazer companhia a Kafka, Benjamin e Scholem, a trindade de pensadores judeus que Robert Alter toma como exemplos paradigmáticos do escritor moderno, sempre iconoclastas, rebeldes e sem pátria (1993, p. 58). Aqui, também, o mar comparece como símbolo fundamental. As águas em movimento não autorizam assentar identidade. Ulisses se entrega aos mistérios marítimos, naufraga, escuta o canto das sereias e diz ao ciclope Polifemo que se chama “ninguém”. Radicalmente transformado ao curso da viagem, ele se sabe outro, sente o vazio que assusta ao mesmo tempo que liberta. O oceano é um dispositivo disparador dessa experiência. É assim que David Wills, por exemplo, o caracteriza: “Ele é tanto pura diferença, o oposto binário da terra seca, do construível, do habitável, como também aquilo que destrói tal diferença, o grande unificador torrencial” (2008, p. 115). Empreendendo uma análise de obras como “Le bateau ivre”, de Rimbaud, Wills conclui que o oceano se manifesta como abismo (como o habitat de *Vampyroteuthis*?), jamais permitindo, assim, nenhuma “singularidade identitária” (*Ibid.*, p. 127). Os trabalhos que compõem este livro podem ser considerados como relatos de navegação na qual busquei iniciar uma jornada no mar flusseriano. Não cons-

tituem ainda uma cartografia, mesmo que provisória. Esta terá de esperar por um momento de maior fôlego, por uma respiração mais longa – que a complexidade da obra de Flusser demanda, pois nela se cruzam os espinhosos temas da identidade, da relação com a técnica, da dialética entre natureza e cultura, da busca da liberdade e do combate à mortalidade, entre vários outros. Há, por certo, muito que se criticar no pensamento desse estranho polímata. Esse é, aliás, um trabalho que vem sendo feito intensamente nos últimos anos, o que, por outro lado, testemunha a popularidade crescente do autor, particularmente no terreno dos estudos sobre o pós-humanismo. O exilado de Praga certamente acolheria a crítica muito mais alegremente que qualquer leitura reverente. Derrubar ídolos é uma tarefa judaica, na qual Flusser se empenhou com denodo. Menos que “interpretar” Flusser ou elogiar suas muitas realizações intelectuais, estes textos procuram, pois, pô-lo em diálogo com o presente, com muitos outros autores e ideias com as quais acredito que o filósofo tenha ressonâncias importantes. Afinal, a arte do diálogo sempre foi um de seus temas fundamentais, e toda ideia nasce do encontro com o outro em suas múltiplas manifestações. Tentando atribuir a estes escritos alguma unidade, ofereço-os, ainda de forma tentativa, ao leitor imaginário com quem espero prosseguir nesta conversa.

No primeiro capítulo, discuto a problemática da imaginação no fazer científico. A perda do sentido de maravilhamento na modernidade tornou a ciência fria e desumana, mas talvez estejamos vivendo hoje um renascimento de potências especulativas e de criatividade, forças

que Flusser considerava essenciais para a investigação científica. No segundo capítulo, aprofundo essa ideia, aproximando certas ideias flusserianas do movimento filosófico nomeado, precisamente, Realismo Especulativo. Se os realistas especulativos promovem uma forma de pensar menos antropocêntrica, imaginativa e preocupada com os objetos, Flusser pode, em muitos sentidos, ser considerado um precursor dessas tendências, que agora compõem um importante pano de fundo para as ciências humanas como um todo. Essa preocupação com os objetos – e, conseqüentemente, com a materialidade do mundo – nos leva ao terceiro capítulo, no qual se explora a noção de ruído e se investiga a possibilidade de uma estética hacker como forma de romper a padronização do universo das redes digitais. Em seguida, ingresso no domínio das imagens, com uma breve recuperação das ideias de Flusser a respeito do cinema. Sua teoria fragmentária do “olho selvagem” é investigada no capítulo quatro como um preâmbulo a uma reflexão sobre um cinema dotado de potências animais e maquínicas (pós-humanas, portanto). Logicamente, o capítulo seguinte explora a ideia de um cinema “octopodal”², obcecado, como Flusser, pelas figuras tentaculares. A questão central é entender o que esses estranhos seres, verdadeiros alienígenas na Terra, podem nos dizer a respeito da cultura contemporânea. No capítulo 6, prossegue-se com a exploração do tema da

² Este trabalho foi realizado antes da publicação do espetacular livro de Brown e Fleming (2020), uma rigorosa e exaustiva compilação da presença dos octópodes no cinema.

imagem, mas agora em relação com os gestos humanos e as teses de Warburg sobre as “fórmulas de *pathos*”. Ponho Flusser, Warburg e Hans Ulrich Gumbrecht em diálogo para investigar a potencialidade da noção de “ambiência” (*Stimmung*, em alemão), um conceito cada vez mais importante no campo da estética, como testemunham os trabalhos de Gernot Böhme (Cf. 2019). Os capítulos 7 e 8 se dedicam ao problema da identidade a partir de uma metafórica do líquido. Ali se estuda a rica tradição de conceitos e pensadores, inclusive Flusser, que associam a figura do mar à proposição de uma identidade fluida e sempre em movimento. Finalmente, o nono capítulo coloca em xeque a tradicional distinção entre natureza e cultura para revelar um cosmos composto de entidades híbridas tão importantes no desenrolar da história humana quanto os próprios seres humanos. As curiosas semelhanças que traço entre Flusser e Benjamin mostram afinidades intelectuais apontando para uma visão de mundo anti-antropocêntrica e inclusiva nos dois pensadores. Todos esses trabalhos buscam seguir o espírito das reflexões de Flusser, deixando-se fertilizar pela imaginação sem abdicar do rigor. Nesse sentido, importam menos as teses que sugiro aqui do que como o leitor irá apropriar-se delas. Se é verdade, como diz a divisa flusseriana, que iremos “sobreviver na memória dos outros”, que o pensador de Praga possa encontrar nova vida nestas páginas, compostas na convicção das potências do diálogo e do pensar como aventura do espírito.

Rio de Janeiro, abril de 2022.